

**E**stou exausta. Completamente exausta. Quando o despertador toca, abro os olhos e levanto a cabeça, que parece pesar mais do que o corpo todo. Carrego imediatamente no botão e o silêncio regressa ao quarto. Devo ter acordado pelo menos quatro vezes durante a noite. Duas antes de o Miguel chegar, mais uma quando o ouvi entrar e ainda outra, perto das seis. Levanto-me a custo sem acender a luz, tentando não acordar o Miguel, que dorme do lado direito da cama de barriga para baixo e a cara encostada à almofada. Apetece-me passar-lhe os dedos pelo cabelo ondulado, mas em vez disso puxo as raízes junto às minhas têmporas, imaginando por um segundo como ficariam os meus olhos se os rasgasse numa plástica, enquanto massajo o couro cabeludo com a ponta dos dedos em movimentos circulares e me dirijo ao quarto da Carolina, que ainda está a dormir. A luz entra de chofre pelas janelas da sala e da cozinha ainda sem cortinas e percorre o hall. Abro ligeiramente as persianas do quarto cor-de-rosa e arrumo

mecanicamente os bonecos que estão encostados à parede junto aos pés da cama.

Sento-me e começo a fazer-lhe festas até ela acordar. Saboreio o toque doce da sua pele, a seda dos seus cabelos louros em desalinho. Faz um esgar e vira a cabeça para o outro lado. Finalmente, acorda, estende-me os braços e levanta-se, reclamando leite com chocolate e pão com doce. As pernas finas e pequenas ginasticam-se até à cozinha, onde lhe preparo o pequeno-almoço.

Vivo sozinha há três anos, desde que o Pedro saiu de casa. Um dia acordou, virou-se para mim e disse:

— Vou viver com a Sandra. Estou apaixonado por ela.

Nem queria acreditar. A Sandra era a professora de taekwondo. Ele andava no taekwondo há um ano. De vez em quando, falava-me dela, mas nunca liguei. Ou então não quis ligar. As mulheres treinam o mecanismo da negação com excessiva facilidade, como um vício mesquinho que se adquire quase sem se dar por isso.

Devia ter percebido que alguma coisa estava mal depois de a Carolina ter nascido, mas andava demasiado absorvida pela miúda e pelo lançamento da editora. É que no fundo tive duas filhas ao mesmo tempo, sentia-me exausta. Mas não tanto como agora. Sento-me à mesa de ripas amarelas, que deve ser de jardim, mas que eu achei que ficava bem na cozinha.

A Carolina bebe por um copo com pozinhos brilhantes que rodopiam à volta do Winnie-the-Pooh e do seu amigo Tiger e lambuza o pão com doce que cai no pijama cor-de-rosa no qual bonecos com antenas na cabeça pulam com os braços erguidos. Olha para mim aflita e passa o dedo pela nódoa.

— Desculpe, mãe.

Respondo-lhe que não faz mal, que sei que não fez de propósito, e ela continua a comer e a chuchar o leite pela tampa do copo.

— Mãe...

— Sim, filha.

— O Miguel está a dormir?

— Sim, querida.

— Posso ir lá dar-lhe um beijinho?

— Não, querida.

A cara contorce-se numa expressão de tristeza.

— Oh... porquê?

— Dás logo à noite, está bem?

— E ele está cá, logo à noite?

Começo a impacientar-me.

— Não sei, querida, logo se vê.

Dá mais uma dentada, calculo que seja a penúltima.

— Mãe...

— Sim, filha.

— Porque é que o Miguel não vive cá em casa?

— Porque tem a casa dele.

— Mas a Sandra vive com o pai...

— Não, querida, o pai é que vive com a Sandra.

Fica a olhar para mim de boca aberta, e vejo-lhe os neurónios a mil à hora dentro do cérebro, a darem as pernas e os braços uns aos outros.

— Vá, despacha-te, que já estamos atrasadas.

Estamos sempre atrasadas. Regressamos ao quarto onde a vi visto em menos de um minuto e lhe calço uns ténis cor-de-rosa, pavorosos, que ela exhibe com orgulho no colégio por causa da palavra mágica que têm bordada: Barbie. Por fim, penteio-a, e ela deixa-se levar, dócil como uma boneca.

Pede-me para pôr o travessão que tem uma flor azul e que não encontro em lado nenhum; por isso, convenço-a a segurar o cabelo com outro.

— É muito mais giro, com o Tweety, é de crescida, estás a ver — e ponho o par no meu cabelo para provar que tenho razão.

— A mãe é mesmo maluca.

Maluca estava eu quando engravidei do Pedro, ele que nunca falou em filhos e sempre disse que não tinha estofa para ser pai. Estofa é para os bancos dos carros, respondi-lhe quando ele começou com a conversa do costume, mesmo depois de lhe dizer que estava grávida e que não ia, de certeza, fazer um aborto. Não tive culpa. Qual é a probabilidade de ter duas ovulações num mês? Eu estava habituada a fazer as contas e conhecia os sintomas dos dias de perigo, mas não tenho nenhum alarme que toca se faço uma ovulação a seguir à outra.

— É raro, mas, às vezes, acontece — disse o médico, batendo com a caneta ritmicamente em cima da ficha. — A menina está na idade, foi o seu relógio biológico.

Putá que pariu o relógio biológico. E o tipo todo contente. Porque é que os obstetras gostam tanto de ver as pacientes grávidas? Deve ser uma tara como outra qualquer.

O Pedro ainda reclamou, mas com 28 anos já não podia dizer que ainda era muito novo e que eu lhe estava a estragar a vida. Coitado, se gostasse mesmo dele nunca lhe tinha feito uma maldade destas. Andávamos há seis meses, eu fazia trinta daí a uma semana e vivia obcecada por bebês. Agora, vivo obcecada pelos fins-de-semana em que a Carolina vai para o pai e posso dormir até à uma da tarde, levar o pequeno-almoço à cama e ficar a namorar a tarde inteira

com o Miguel, como dois adolescentes. Falta-me sono. Sono e tempo. Os bens mais escassos da minha vida.

Entramos no carro e desfio a habitual corrente de recomendações: põe o cinto, não abras a janela, juízo na escola, venho buscar-te às seis. O caminho é um pára-arranca infernal e demoro vinte minutos a percorrer menos de sete quilómetros, como se fosse a primeira prova de um longo dia de trabalho e de chatices.

Despedimo-nos com vários beijos e abraços e deixo a minha princesa entre vinte crianças e uma educadora com um ar absorto e doce.

Quando chego à editora, o Nuno já lá está. Gel no cabelo, óculos de aros finos, aquele ar de menino bem-comportado que lhe dá imenso charme. Com 42 anos, ainda parece um miúdo. E é. A um canto, um blusão preto de cabedal dormita em cima de um capacete também preto, e o ar está impregnado de um perfume qualquer da moda.

— Bom dia, estás bem? — pergunta, sem levantar os olhos do ecrã do computador onde uma tabela cheia de números o absorve.

— Cansada, muito cansada.

Desvia os olhos, arqueia as sobrancelhas e observa-me longamente.

— Mas sempre bonita.

— Isso é porque pus base. — Foi no elevador, em menos de vinte segundos, estou a ficar boa nisto.

— Não. Isso é porque és mesmo bonita.

Abre a gaveta e retira de lá um embrulho comprido e fino.

— Toma. Comprei-te isto ontem.

Abro o presente. É um coça-costas de madeira, dos que se vendem nas feiras.

— É para usares quando o Miguel estiver cansado.

— O Miguel nunca está cansado. Por isso é que ando com ele.

Toma. Humor com humor se paga.

— Ligas demasiado ao sexo.

Observo-lhe o pólo, as calças de marca, o telemóvel topo de gama em cima da secretária, ao lado de uma caneta de colecção.

— E tu, demasiado às aparências.

— Bem, vamos trabalhar?

— Onde está a Paula?

— Foi ao correio. Já volta.

Tocam à campainha. O Nuno regressa às tabelas, fingindo não ouvir.

— Vais tu, ou vou eu?

Levanta-se, disfarçando o ar de seca.

— Porque é que os homens são todos preguiçosos?

— Não é para tudo, minha linda, não é para tudo.

O Vítor entra na sala com os sapatos cambados, a fralda da camisa fora das calças. O duche não faz parte do seu dia-a-dia.

— Bom dia, rapaziada.

— Bom dia, génio — responde o Nuno.

— Minha editora preferida — diz o Vítor, olhando-me com cara de cão vadio e fazendo uma vénia.

— Pois, pois, queres é conversa.

O Vítor é o nosso melhor autor e a nossa maior dor de cabeça. E a prova de que não é preciso estar na moda nem aparecer todas as semanas nas revistas para ter sucesso. Veio para a editora porque estava farto dos «gajos merceeiros», como ele costuma dizer. Trazia dois sucessos editoriais

estrandosos e nenhuma motivação para continuar a escrever. O sucesso cansa, diz. Apetece-me responder-lhe que a falta de sucesso cansa muito mais, porque é uma dor cega e inútil, mas nunca lhe respondo a sério. Aqui é tratado nas palminhas, embora às vezes tenha de ir à farmácia comprar ampolas de paciência para o aturar. Artistas.

— Conversa também quero, mas se tivessem um minuto...

— Embora lá, pá! — responde o Nuno, já a caminho da sala de reuniões, enquanto pousa o braço à volta do ombro do Vítor. Parecem o David e o Golias.

— Precisam de mim?

— Claro! Sem ti, não somos ninguém.

Guarda o charme para a tua mulher, malandro.

O Vítor quer dinheiro. Segundo o contrato, recebe de seis em seis meses o resultado do apuramento dos direitos de autor e o último foi há dois meses.

— O que fizeste ao dinheiro que te demos em Fevereiro?

— Mas agora és minha mãe, ou quê?

— Perguntar não ofende.

O Vítor coça o nariz, inspira profundamente para depois se desfazer num suspiro próprio de quem está habituado a vitimizar-se.

— Se não quiserem...

— Não tem que ver com querer, tem que ver com poder. E nós, agora, não podemos. Deixa ver como chegamos ao fim do mês.

— É que sem dinheiro não posso acabar o *Céu Cinzento*.

— Porque não fazes umas colaborações para a imprensa, ou dás aulas como os outros escritores?

— Porque não me apetece.

É nestes momentos que me imagino transformada numa ampola. O Vítor volta a coçar o nariz, arrependido por me ter respondido torto, mas não desarmo, mantenho a cara fechada e cruzo o olhar com o Nuno, que ajeita os óculos na cana do nariz, por sinal bem bonito.

— Bem, liga daqui a uma semana, vamos ver o que podemos fazer. Mas vê lá se adiantas o *Céu Cinzento*, ouviste? Olha que isto não é um banco.

Coração de manteiga. Este rapaz nunca mais aprende.

— Mas tu és pai dele?

O Nuno tira os óculos, observa as dedadas e limpa-as à fralda do pólo, antes de responder.

— Não, mas tem de se tratar bem os autores. Sobretudo se já foram maltratados por outras editoras.

— O Vítor não foi maltratado. Foi roubado.

— Por isso mesmo.

— Já agora, podias dar-lhe banho. Ou, então, oferecer-lhe um after shave.

— Só se fosse *Old Spice*. É mesmo o género dele.

— Sim, já o estou a ver a fazer surf na Fonte da Telha.

Eu é que estou com uma telha do tamanho do mundo que se dilui no ar quando o Miguel me telefona com a voz mais meiga do mundo a dar-me os bons-dias, como se não me tivesse enchido de beijos ontem quando chegou tarde. Já estava meio a dormir, mas suficientemente acordada para lhe retribuir uns tantos. Se não fosse o Miguel, não sei o que seria a minha vida. Já nem me lembro como era antes de ele aparecer, há um ano, no princípio do Verão, com os projectos de remodelação do meu apartamento, recomendado pelo Frederico, que estava sem tempo para me ajudar.

— Vais gostar dele. É um tipo sensacional.

E era. O amor é sempre assim: não se procura, encontra-se. E eu encontrei-o no Miguel, quando lhe abri a porta e o vi entrar de passo decidido e sorriso aberto, atrapalhado com os rolos das plantas, muito articulado, a explicar que o Frederico já lhe tinha passado o projecto cheio de ideias para alterar mais isto e aquilo. Desenrolou a papelada toda, plantas e mais plantas, e, em menos de um minuto, percebi que não precisava de mudar a minha casa, precisava era de mudar de vida. Uma semana depois, entre conversas telefónicas de três quartos de hora, e-mails para cá e para lá, e menos de meia dúzia de almoços, capitulei. Na altura pensei, isto é um miúdo à procura de uma gaja para mandar umas trancadas, mas senti-me demasiado vulnerável para lhe resistir. Já me tinha dado a volta.

Nunca fiz as obras. Tudo o que antes me parecia absolutamente fundamental e inadiável, ficou reduzido a nada. Mudei as portas dos armários da cozinha e dei a remodelação por encerrada. O Miguel não arranjou um cliente, mas ganhou uma namorada e eu voltei a sentir que estar viva, afinal, até pode ser uma coisa bestial. Habituei-me depressa a ele, aos rolos espalhados pela casa, aos silêncios e às noitadas no atelier, às T-shirts emblemáticas, quase sempre filhas de uma viagem, quase sempre com uma história para contar, quase sempre com o mesmo aviso final

*um dia destes vou-me outra vez embora, já sabes como sou*

Eu sei, mas não me interessa. Nunca me interessou o que ia o Miguel fazer no dia seguinte, muito menos daí a uns meses. Habituei-me a tê-lo ao meu lado, sem lhe exigir mais do que a sua presença e o amor que tem para me dar. Habituei-me sobretudo a não esperar nada e a receber tudo

o que me dá como uma dádiva, uma espécie de bónus, o prémio inesperado que deixa o bom funcionário surpreendido.

Às vezes, quando a respiração da Carolina se transforma em tosse e me levanto e vou ao quarto dela só para ver se está tudo bem, olho para o Miguel a dormir ao meu lado, e lembro-me de que não é meu, que pode partir de um dia para o outro, como fez o Pedro. Mas quando acordo e no dia seguinte ele ainda lá está, penso que cada dia a mais já é uma eternidade. E os dias sucedem-se numa paz harmoniosa e tão doce que vai apagando a memória das discussões com o Pedro, das discussões entre o meu pai e a minha mãe, à noite, quando pensavam que já estava a dormir. E às vezes estava mesmo, mas as vozes alteradas acordavam-me de repente, sentia a cabeça a latejar como se tivesse apanhado demasiado sol e não resistia: caminhava em silêncio pelo corredor às escuras, e ficava a ver as sombras que se agitavam como monstros na parede, à medida que o tom das vozes subia. Depois, a minha mãe iniciava o inevitável ciclo do choro compulsivo e descontrolado que punha o meu pai ainda mais exaltado.

— Mas por que raio foste engravidar?

Deve ter sido aí que comecei a odiar-me por ter nascido, por ser mulher, por tudo. O Miguel está, sem saber, a apagar os fantasmas e, quando vejo sombras na parede, já não oiço o choro da minha mãe. O Miguel está a fazer-me bem e, só por isso, já merecia o mundo.

Mas às vezes cansa-me o seu alheamento da realidade, o espírito idealista que confunde um extracto de conta com uma aplicação financeira, o desconhecimento total das coisas mais básicas da vida.

— Não se pode ter tudo — costumava dizer a minha mãe.

Deve ter sido com ela que aprendi demasiado cedo o mecanismo da negação. Quando o meu pai viajava por causa do banco e ficava fora durante o fim-de-semana e ela fingia que não percebia. Ou quando, à quarta-feira, nunca vinha jantar. Ou quando o Marcelo começou a fechar-se no quarto com os amigos, assim que percebia que o meu pai ia estar fora durante o fim-de-semana. Às vezes, dava com ela sentada à mesa da cozinha, com o olhar fixo de quem partiu para muito longe e os olhos inchados. Poucas vezes a vi chorar, mas acabava por ser pior, porque só com os anos aprendi a decifrar os subtis sinais de dor e tristeza que se lhe denunciavam nos traços que o tempo se encarregou de marcar. Quando pressentia a minha presença, era como se voltasse à terra: os ombros estremeciam ligeiramente, sinal de regresso do espírito ao corpo, numa tentativa de enfrentar outra vez a vida. Deve ter sido nessa altura que começou a ficar doente. Às vezes, queixava-se de dores no peito, mas, como ela sempre disse que era aí que se escondia a caixinha da tristeza, nunca ligámos. O meu pai continuava ausente e mesmo quando estava em casa, mal olhava para ela. O Marcelo aventurava-se a medo pelos caminhos misteriosos da homossexualidade e eu era demasiado pequena para perceber que a minha mãe não era eterna.